O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 42 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8051089

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DO JORNALISTA: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DO VALE DOS SINOS - RS

Betina Cezimbra Ludwig[1]

Sueli Maria Cabral[2]

Resumo

O cenário do mundo do trabalho contemporâneo vem sofrendo significativas transformações, não apenas por causa da pandemia da Covid-19, mas com certeza potencializadas por ela. De acordo com o Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), no primeiro trimestre de 2022, a taxa de informalidade no mercado de trabalho chegou a 40,4% da população ocupada no Brasil. No Rio Grande do Sul esse número chegou a 41,1%. Desta forma, atingiu mais de 38 milhões de pessoas no país. Na comparação com o mesmo trimestre de 2021, quase 3 milhões de vagas com carteira assinada foram criadas no setor privado. Este estudo é estruturado a partir dos pressupostos teóricos das categorias trabalho e trabalho precário, do trabalho e da teoria das representações sociais. O objetivo deste texto é compreender as representações sociais sobre o trabalho criadas e vivenciadas por jornalistas freelancers que trabalham em situação de informalidade e precariedade no Vale do Rio dos Sinos – RS. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa foram: do ponto de vista da forma da abordagem do problema, optou-se pelo paradigma qualitativo; quanto aos seus objetivos, a pesquisa possui uma proposta descritiva e exploratória; como procedimento técnico foi produzida uma pesquisa de campo, a fim de analisar os depoimentos colhidos a partir dos fundamentos da Teoria das Representações Sociais foram utilizados os principais pressupostos da análise de conteúdo. A análise do trabalho foi feita a partir de três categorias, que são: a) O primeiro impacto: meu trabalho sem garantias; b) Será que sou jornalista? A identidade não conquistada; e c) Perspectivas futuras. A partir da divisão das categorias foi possível compreender os impactos da precarização do trabalho na vida dos indivíduos.

Palavras-chave: Identidade; Jornalismo; Representações Sociais; Trabalho Precário.

Abstract

The scenario of the contemporary world of work has been undergoing significant transformations, not only with the Covid-19 pandemic, but certainly enhanced by it. In Rio Grande do Sul this number reached 41.1%. According to the Brazilian Institute of Economics and Statistics (IBGE), in the first quarter of 2022, the rate of informality in the labor market reached 40.4% of the employed population in Brazil. In Rio Grande do Sul this number reached 41.1%. In this way, it reached more than 38 million people. In comparison with the same quarter of 2021, almost 3 million formal jobs were created in the private sector; almost 3 million formal jobs were created in the private sector. This study is structured from the theoretical assumptions of the categories of work and precarious work, work and the theory of social representations. The objective of this text is to understand the social representations about work created and experienced by freelance journalists who work in informal and precarious situations in Vale do Rio dos Sinos - RS. The methodological procedures adopted to carry out the research were: from the point of view of the approach to the problem, the qualitative paradigm was chosen; as for its objectives, the research has a descriptive and exploratory proposal; as a technical procedure, a field research was carried out, to analyze the testimonies collected from the foundations of the Theory of Social Representations, the main assumptions of content analysis were used. The analysis of the work was based on three categories, which are: a) The first impact: my work without guarantees; b) Am I a journalist? The unearned identity; and c) Future prospects. From the division of categories, it is possible to understand the impacts of precarious work on the lives of individuals.

Keywords: Identity; Journalism; Precarious Work; Social Representations.

[1] Jornalista. Mestre em Psicologia pela Universidade Feevale. E-mail: betina_ludwig@hotmail.com

[2] Professora da Universidade Feevale. Doutora em Ciências Sociais. E-mail: suelimariacabral@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho está passando por transformações significativas, intensificadas pela pandemia da Covid-19. No contexto de uma epidemia global do novo coronavírus, SARS-CoV-2, responsável pela pandemia da Doença do Coronavírus (Covid-19), que ultrapassou 2 milhões de casos (NEW YORK TIMES, 2020), surgem diversas previsões sobre possíveis impactos futuros. Gama (2023) enfatiza que essa situação equivale a dizer que a Covid-19 pode mudar tudo, nada ou qualquer coisa entre esses extremos. Até o momento, não fomos consultados sobre as condições dessa mudança. Essas profecias surgem da vida cotidiana, conforme se apresentava em escala global no final de 2019. Diante desse contexto, é importante investigar as representações sociais da precarização do trabalho, especificamente no caso dos jornalistas freelancers do Vale do Rio dos Sinos - RS.

Diante dessa realidade, em uma sociedade caracterizada por altos níveis de desigualdade social, como é o caso do Brasil, a perspectiva de alcançar um país mais justo e igualitário parece estar cada vez mais distante. Além disso, a pandemia da Covid-19, que foi acentuada pelos problemas sociais já existentes, exacerbou especialmente questões estruturais de impacto significativo na sociedade, tais como saúde, saneamento básico, moradia, trabalho e educação (SENHORAS, 2021).

Para Cabral (2015), o trabalho desempenha um papel crucial na interação dos seres humanos com o ambiente e com outros indivíduos, estabelecendo vínculos com a vida. Já Giddens (2011) destaca que o trabalho tem uma função de manutenção social, presente tanto no aspecto psicológico quanto nas atividades realizadas pelos indivíduos, proporcionando subsídios para o desenvolvimento humano, como dinheiro, nível de atividade, variedade, estrutura temporal, contatos sociais e identidade pessoal. No entanto, Bauman (1999, 2001, 2008) aponta uma série de mudanças ocorridas na sociedade, incluindo o mundo do trabalho.

Essas reflexões nos levam a compreender as transformações no mundo do trabalho e a complexidade das relações estabelecidas, evidenciando a necessidade de um olhar crítico sobre a precarização e suas consequências para os indivíduos e a sociedade. Conforme argumentado por Dias (2023), a vida social foi profundamente impactada, resultando na emergência e intensificação de relações de trabalho que já existiam, mas cuja face mais radicalizada ainda estava atenuada por outras dinâmicas de socialização.

No campo de trabalho jornalístico, destaca-se que a precarização se torna evidente com a queda na qualidade dos materiais produzidos pelos profissionais. Assim também, se acentua a subjetividade e sentido atribuído à questão trabalho a cada sujeito. Segundo Accardo (1995), o trabalho do jornalista convive com uma condição constante de precarização, a qual é observada por uma forma de auto

exploração, pela redução do poder de compra, do aumento do endividamento, da qualidade de vida e do adoecimento mental e físico.

A Teoria das Representações Sociais tem como matéria prima o senso comum. A partir dele é possível dar sentido aos pensamentos, falas, ações e atitudes dos sujeitos. Nesta perspectiva, as representações sociais são o sistema de interpretações que dirige nossa relação com o mundo e acaba por orientar e organizar nossos comportamentos e comunicações sociais (JODELET, 2001). Acredita-se que o estudo poderá contribuir para a compreensão das representações sociais sobre o trabalho criadas e vivenciadas por jornalistas *freelancers* que trabalham em situação de informalidade e precariedade.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (TRS) apresenta, como ponto inicial, as diferentes formas que o indivíduo pode tanto realizar a sua comunicação quanto conhecer outros indivíduos, pertencentes ou não ao mesmo grupo. Tal processo é dividido por Moscovici (1978) entre consensual e científico. Com isso, Arruda (2002) destaca que, a partir das representações sociais, existe a possibilidade de executar o trabalho, utilizando o pensamento que teve a sua criação elaborada por meio da dinâmica e também das diferentes formas.

Representações Sociais é um termo que, nas Ciências Sociais, é definido como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade para explicá-la, justificá-la ou questioná-la (MINAYO, 2000). Sob outro olhar, temos o conceito de Moscovici (2004, p. 106), que considera: "Representações Sociais, como teorias científicas, religiões, ou mitologias, são representações de alguma coisa ou de alguém". Sob o prisma de Durkheim, que aborda o termo Representações Coletivas, elas são formas estáveis de compreensão coletiva que podem integrar a sociedade como um todo. Piaget, considerado por alguns um discípulo de Lévy-Bruhl, estudou a representação do mundo da criança. Com o avanço de seus estudos, acabou se distanciando daquele autor e aproximou-se de Durkheim, quando imaginou "uma evolução contínua, estendendo-se dessas representações 'pré-lógicas' da criança, para as representações mais lógicas e individuais do adolescente" (MOSCOVICI, 2004, p. 190).

Moscovici (2004) direcionou seu interesse em explorar a diversidade e variação das ideias coletivas nas sociedades modernas, o que, segundo o autor, caracteriza uma falta de homogeneidade e gera uma heterogeneidade de representações. Sob esse aspecto, funda-se a diferenciação principal entre o conceito de Durkheim (Representações Coletivas) e o conceito de Moscovici (Representações Sociais). Moscovici (1978) explica que o modelo consensual ocorre por meio da conversação cotidiana,

informalmente, entre os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo, transformando o que não é concreto em real. No entanto, a Representação Social pode ser mais bem percebida no contexto consensual. Sendo assim, a Teoria da Representação Social (TRS) faz parte de uma estrutura teórica que busca o entendimento e a compreensão das construções dos saberes, considerando o que é construído no senso comum.

Jodelet (2001) afirma que os sujeitos acabam criando essas representações em função da necessidade social do ser humano de se sentir inserido em algum grupo social. Para Moscovici (2013), a conexão dos sujeitos com a realidade acontece por meio de representações, compreensões e interpretações a partir dos elementos que os cercam. Sendo assim, Jodelet (2001) enfatiza que os sujeitos têm a necessidade de entender o mundo e de se informar sobre os acontecimentos que o cercam, pois precisam se comportar e ter controle das situações. De acordo com Moscovici (1978), é preciso pensar as representações não apenas como um conceito teórico, mas também como um fenômeno pertencente ao contexto em que os indivíduos estão inseridos.

Moscovici (1978) destaca que algumas profissões podem influenciar os indivíduos, sendo o jornalismo uma delas, pois faz a leitura dos acontecimentos e repassa para a sociedade. Os sentidos e significados são atribuídos a partir das representações sociais por meio das ações que "vão além, edificam uma doutrina que facilita a tarefa dos indivíduos de decifrar o mundo, predizer, ou mesmo, antecipar o que outro fará em determinada situação ou fenômeno" (MOSCOVICI, 1978, p. 270). No entanto, ainda se encontra dificuldades para conceituar as RS, levando em conta os fenômenos e realizações. Para Moscovici (1978), as RS estão ativas no processo cognitivo, tornando as relações presentes no cotidiano concretas e complexas.

Para Paicheler e Moscovici (1985), as representações sociais exercem a função de constituição de mundo, fazendo a leitura do contexto. A partir desses contextos, se destacam as questões profissionais, como no caso do jornalista, que possibilita que a imagem do profissional possa ser percebida por meio da visão do grupo, assim ganhando uma nova representação. Desta forma, a questão da reprodução não está relacionada apenas com a cópia de atitude, mas sim com a geração de outras atitudes. Sendo assim, a representação da identidade profissional jornalística está ligada aos valores ou conceitos que são considerados essenciais para o grupo.

Moscovici (1978) entende que, a partir das representações desses indivíduos, a representação pode ser ou não fidedigna, isto porque depende do ponto de observação a partir do qual os sujeitos enxergam e entendem as suas consciências. A partir disso, é possível identificar determinado objeto por meio da imagem criada dele, de uma forma real ou apenas imaginária, mas que não pode ser considerada mentira ou irreal, pois se sustenta em algum acontecimento factual. As representações

partem dos indivíduos e estes pertencem a um grupo, o que nos leva a pensar que as representações sociais são sociais porque pertencem a esse grupo. Segundo Moscovici (1978), não conseguimos definir como se forma a representação de um objeto social, mas sendo as representações, como vimos, um encadeamento de fenômenos dimensionados em uma realidade, também são elaboradas a partir de dois processos fundamentais: a objetivação e a ancoragem ou amarração.

Assim, *objetivar* é, acima de tudo, estabelecer conexões em relação a uma realidade, a qual está fincada em conceitos, paradigmas e parâmetros para a ação dos sujeitos, que internalizam e exteriorizam outros conceitos a partir de concepções preexistentes. E, como revela Vala (2010, p. 467), "é a identificação de elementos que dão sentido a um objeto". A objetivação acontece a partir de um processo mais profundo que a visão física, ocorrendo na apuração dessa visão por meio de uma atividade intelectual-cognitiva associada a conhecimentos anteriores, à observação e a dados pertinentes ao fenômeno, para assim conferir propriedade acerca das conclusões sobre o que se observa (MOSCOVICI, 1978). *Ancoragem* significa amparar elementos de uma realidade à qual o objeto social pertence e se finca. Significa, ainda, atrelar valores a fenômenos sociais. Por exemplo, a identidade docente, como corpo social, está presa aos pressupostos de que uma sociedade determina para a profissão, e, assim, influem na objetivação e, consequentemente, nas representações sobre o objeto (MOSCOVICI, 1978).

Portanto, trata-se de maneiras de pensarmos quais valores norteiam os sujeitos, de forma a lhes sedimentar uma atitude ou outra. Ou seja, um pensamento de transformação, mesmo que sutil, ou a "submissão assumida e imutável" (MOSCOVICI, 2003, p. 91), que estagna o grupo e o desloca do papel de pensadores e transformadores da sociedade. Com isso, se pode perceber que as representações sociais estão presentes nos mais diversos campos, que vão desde a difusão e a assimilação de conhecimentos, permeando o desenvolvimento individual e também coletivo. Além disso, participam ativamente da definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. Sendo assim, as representações estão presentes no local de trabalho e de hierarquização de forma que acabam se relacionando com a identidade profissional.

Segundo Jodelet (2001), a representação é baseada na existência de um objeto e de um sujeito em espaços que envolvem a vida e o pertencimento. A subjetividade está ligada à ideia de pessoas existentes em um contexto social como atores sociais ativos, e não indivíduos isolados. As representações construídas pelo indivíduo não estão soltas, pois não existe pensamento desvinculado do contexto social.

Figura 1 - As esferas de pertencimento das Representações Sociais



Fonte: Jodelet (2009).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

Considerando que o foco desta pesquisa é a precarização do trabalho do jornalista, acredita-se ser imprescindível esclarecer a compreensão sobre a categoria trabalho que este estudo comporta. Esta compreensão não inicia e se encerra na perspectiva marxista, contudo, considera sua importância e contribuição. Marx (1982) entende que o trabalho é uma das questões centrais da condição humana, pois é a partir deste que os sujeitos empregam sua força para produzir os meios para o seu sustento, enfatizando a capacidade humana em empreender a partir da sua própria vontade, diferenciando-se das outras espécies animais. Deste modo, reforça-se a ideia de Marx (1982), em que o trabalho é a principal categoria para entender-se a condição da vida humana, por meio do fator constitutivo.

Antunes (2009) argumenta que é um equívoco pensar no fim do trabalho em sociedades produtoras de mercadoria, sendo necessário compreender suas transformações no mundo contemporâneo. Coutinho (1999) afirma que o trabalho se diferencia de outras práticas animais pela sua natureza reflexiva e consciente. Sachuk e Araújo (2007) ressaltam que o trabalho esteve sempre ligado à manutenção da vida humana, tanto no âmbito individual quanto coletivo, sendo impossível dissociar a vida humana do labor. Grint (1998) destaca que a categoria trabalho passou a ser entendida como uma atividade paga em dinheiro, típica do capitalismo. E isso na medida que a revolução industrial substituiu todo artesanato pelo labor; o resultado foi que as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do labor, cujo destino natural é serem consumidos, ao invés de produtos do trabalho, que se destinam a ser usados (ARENDT, 2007, p. 137).

De acordo com Sachuk e Araújo (2007), o sentido atribuído ao trabalho é resultado da história e das interações sociais. As relações de trabalho envolvem poder e hierarquia, onde existem dominadores

e dominados (GIDDENS, 2011). No século XX, o trabalho passou por transformações significativas devido a novas formas de organização e avanços tecnológicos (MORIN, 2021). Essas mudanças afetam tanto as condições socioeconômicas quanto os significados e valores atribuídos ao trabalho (COUTINHO, 2009). Em resumo, o trabalho é uma atividade complexa que reflete a dinâmica entre indivíduos, sociedade, história e transformações socioeconômicas. No Brasil, o trabalho passou por mudanças significativas ao longo dos anos, tanto na economia quanto nas questões culturais. O país é caracterizado por diferenças econômicas e sociais gritantes, o que torna sua sociedade complexa de compreender (BRANDÃO, 2017). Desde os anos 1980, o mercado de trabalho sofreu precarização, com o aumento do desemprego e a entrada no setor informal (GIMENEZ; KREIN, 2017). A reforma trabalhista de 2017 representou um retrocesso, resultando na redução de direitos dos trabalhadores conquistados ao longo de décadas (BRASIL, 2017). Essa reforma recebeu críticas por violar princípios constitucionais e do direito do trabalho, destacando-se a importância da valorização da força de trabalho e da proteção do trabalhador (BRASIL, 2017). Os direitos trabalhistas são construídos historicamente por meio de confrontos de interesses opostos (perspectiva marxista).

O Fazer do Ser Jornalista

Dines (1986) destaca a natureza intelectualizada do jornalismo, dependente da expressão subjetiva dos indivíduos. A precarização afeta diretamente o desempenho do jornalista, levando a instabilidade, insegurança e erros. A chegada da internet no início dos anos 2000 abalou a imprensa, levando à migração para o meio digital (COSTA, 2015). Essa mudança reduziu o papel dos jornalistas e afetou sua qualidade de vida (HELOANI, 2015). As mudanças no mercado jornalístico têm impacto social, político e ideológico (MICK; LIMA, 2013), resultando em precariedade, flexibilização e desestruturação das condições de trabalho. Os reflexos dessa precariedade laboral não demoram a aparecer. Adoecimento físico e psíquico são perceptíveis e impactantes na prática jornalística. Para entender o que levou à precarização do jornalismo, é preciso também saber todo o panorama das transformações do mundo do trabalho a partir do processo de industrialização e revolução tecnológica, especialmente após a internet e as redes sociais.

O jornalista precisou adaptar-se à evolução da tecnologia, que contribuiu diretamente para a alteração da rotina. Outros fatores, como aumento da terceirização, contratos por tempo determinado, contratos de pessoa jurídica (PJ), cooperados e *freelancer*, passaram aos trabalhadores os riscos e as incertezas do mercado. Para Silva (2014), algumas relações estabelecidas no exercício do trabalho do

jornalista corroboram com a precarização da atividade, como os baixos salários, carga excessiva de trabalho e o desempenho de múltiplas tarefas por apenas um profissional.

Segundo Accardo (2007), a precariedade das atividades não está restrita apenas ao campo jornalístico, mas também a outras áreas da Comunicação, como a Publicidade e Propaganda e as Relações Públicas. Desta forma, o impacto da precarização do trabalho do jornalista acaba perpassando a sua própria. "O jornalismo precário oferece uma ilustração de um fenômeno que caracteriza [...] a proletarização dos trabalhadores intelectuais mais do que os manuais: a existência de uma forma de auto exploração" (ACCARDO, 2007, p. 237). Grohmann (2012) ainda adverte que, para entender o processo de precarização do trabalho do jornalista, é necessário atentar-se ao período histórico e cultural.

Em função da flexibilização do mundo do trabalho, surgiram precárias formas de contratação: poucos possuem registro na carteira de trabalho (CLT); os autônomos ganham por projetos, trabalhos ou textos e as relações trabalhistas se transformaram completamente com a proliferação dos "PJs". Nos últimos anos surgiram também nomenclaturas para maquiar essa forma de precarização, como "empreendedorismo" (CASAQUI, 2014; CASAQUI; SINATO, 2015) e "trabalho criativo", entre outros, "termos que se ajustam a toda uma gramática incorporada no mercado de trabalho hoje, e que também impactam o mundo do jornalismo" (GROHMANN; ROXO, 2014, p. 4).

As atuais condições de trabalho também levam os jornalistas a trabalhar em casa ou em um pequeno escritório, onde produzem os seus serviços, arcando com todos os próprios encargos trabalhistas. Muitos desses profissionais são *freelancers* e trabalham para vários lugares ao mesmo tempo, com vínculos empregatícios precários. Para Bernardo Kucinski (2012, p. 8), o domínio da terceirização (ou "free-lancismo") nas relações de trabalho tornou as redações em virtuais, pois "o processo coletivo de criação do conhecimento jornalístico deu lugar à terceirização da produção e à compartimentação dos saberes". A figura do jornalista "é a síntese da modernidade e suas contradições" (FÍGARO; NONATO; GROHMANN, 2014, p. 25). Desta forma, a não obrigatoriedade do diploma acaba acarretando outros problemas, como a extensão de jornada de trabalho, além de impactar até mesmo na identidade profissional do indivíduo, como iremos pontuar no capítulo a seguir.

Identidades

Bauman (2008) enfatiza a construção constante da identidade, influenciada pela modernidade líquida. A identidade pessoal resulta da negociação com o self e com os outros, e a identificação com um grupo afeta as ações individuais (CABRAL, 2017). Esse comportamento dentro dos padrões sociais do grupo está diretamente ligado ao desejo de obter o reconhecimento do outro.

Acredito ser importante destacar a discussão realizada sobre identidade social feita por Berger e Luckmann (1973). Para os autores, a identidade social refere-se à interação do sujeito em grupos ou organizações sociais, mas, para que isso aconteça, é necessário que o sujeito seja reconhecido e legitimado por outros membros. Assim, a questão identitária começa a ser influenciada pelo meio em que o sujeito está inserido. O sujeito, quando em um determinado grupo social, difere dos demais, passando a ser um naquele grupo social (MACHADO, 2003).

Cabral (2017) afirma que a identidade dos sujeitos é construída por meio das relações sociais e da interação com o ambiente. Hall (2015) destaca que todas as identidades são situadas no espaço e no tempo simbólicos. A inserção no mundo do trabalho é uma etapa em que o sujeito busca reconhecimento social e define sua identidade (KRAWULSKI, 2002). Dubar (2005) explica que a identidade profissional é configurada e reconfigurada no ambiente de trabalho, podendo ser afetada por fatores negativos. A identidade profissional dos jornalistas é influenciada pelas transformações no mundo do trabalho e nas profissões (JACQUES, 1996). A formação da identidade profissional é um processo que se inicia desde o nascimento, com a infância sendo uma fase significativa para sua formação (DUBAR, 2005).

Nessa trajetória conceitual sobre a construção identitária de um indivíduo, Dubar (2005, p. 36) define identidade como "resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições", o que quer dizer que as identidades são mutáveis ao longo da vida, conforme o indivíduo se insere em grupos referenciais. As esferas de trabalho, a família e a formação educacional são fundamentais para a identificação social dos indivíduos. No caso específico, o trabalho é entendido como fonte de significado e autodefinição para a maioria dos indivíduos (ASHFORTH; MAEL, 1989; DUBAR, 2005).

Pratt (1998) afirma que as identidades profissionais são moldadas pelas atividades e situações vivenciadas no ambiente de trabalho. Dubar (2005) destaca que a autodefinição do sujeito está relacionada ao sentimento de pertencimento e à aceitação dos valores e significados do grupo. O interesse pelas ciências sociais na construção da Identidade Profissional (IP) dos jornalistas tem crescido, considerando sua relevância nas sociedades democráticas (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011). Personagem deste "jornalismo de comunicação" e inserido em um contexto hipermidiático e hiperconectado, em que as fronteiras entre instâncias de produção e de recepção se tornam cada vez mais borradas, o jornalista vê, novamente, seu estatuto profissional e, consequentemente, identitário ser tensionado. "O que dará sentido a este profissional, cuja identidade foi historicamente construída sobre os ideais de defesa da democracia, da justiça e da liberdade quando não há mais bandeiras a serem

hasteadas?", questiona Barsotti (2014, p. 112). Carregando a bagagem de valores e ideais historicamente constituídos, o jornalista se depara, hoje, com um cenário muito mais poroso, em que sua autoridade e legitimidade são postas em xeque. Qual será sua identidade hoje? É essa a questão que nos move a pesquisar.

ROTEIRO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa foram: do ponto de vista da forma da abordagem do problema, optou-se pelo paradigma qualitativo. Quanto aos seus objetivos, a pesquisa possui uma proposta descritiva-exploratória. As entrevistas foram analisadas a partir dos fundamentos da Teoria das Representações Sociais, utilizando os principais pressupostos da análise de conteúdo.

Quanto aos objetivos

A pesquisa é qualitativa, explorando atitudes, crenças, comportamentos e ações para compreender as relações do ser humano com o mundo (GOMES, 2012). O uso desse método permite estudar as representações sociais, opiniões e contextos dos participantes, além de analisar o comportamento humano (YIN, 2010). Optou-se pela pesquisa exploratória, pois ela é necessária para compreender o contexto vivido pelos entrevistados e resolver cada caso com precisão (MALHOTRA, 2001; AAKER, KUMAR; DAY, 2004). A pesquisa também é descritiva, utilizando questionários e observação para apresentar as características do grupo estudado (GIL, 2009; SELLTIZ *et al*., 1965). A coleta e análise de dados seguiram a abordagem descritiva-exploratória, correlacionando fenômenos, contextos sociais e trajetórias para entender o impacto da precarização do trabalho na vida dos indivíduos. Todos os dados foram documentados e disponibilizados para verificação e checagem pelos participantes e público em geral.

Universo e Amostragem

A amostragem é um processo de seleção de um grupo representativo de uma população para estudá-la e caracterizá-la, garantindo que os resultados sejam aplicáveis a toda a população. É dividida em população e amostra, em que a população se refere ao número de pessoas ou objetos que farão parte

do estudo. A amostra, de acordo com Appolinário (2016), é uma técnica que permite acessar a população a ser pesquisada, levando em consideração alguns dados dessa população.

População

A Região do Vale do Rio dos Sinos, situada no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, é composta por 14 municípios, sendo eles: Araricá, Nova Hartz, Ivoti, Nova Santa Rita, Dois Irmãos, Portão, Estância Velha, Campo Bom, Sapiranga, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Canoas (RIO GRANDE DO SUL, 2021).

Amostra

Os participantes foram selecionados usando a técnica de amostragem conhecida como "Snowball" ou "Bola de Neve". Velasco e Díaz de Rada (1997) explicam que esse método é adequado para pesquisas socioculturais que requerem a união de normas e procedimentos para buscar conhecimento.

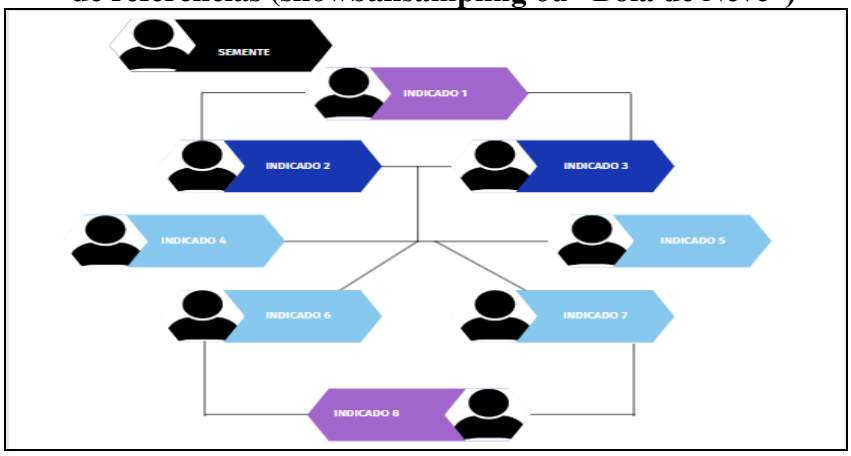
Essa técnica não probabilística é comumente usada em pesquisas sociais, em que os participantes iniciais indicam novos participantes, que por sua vez indicam outros, criando uma cadeia. O processo continua até que se atinja o "ponto de saturação", em que os novos entrevistados repetem informações já obtidas, sem acrescentar novos insights relevantes (WHO, 1994). A Snowball é uma abordagem de amostragem em rede, em que a obtenção de participantes começa com contatos em organizações ou pessoas (chamados de "sementes") que podem identificar outros participantes adequados ao perfil da pesquisa. Em muitos casos, é necessário um intermediador, como colegas, conhecidos ou contatos em organizações, para chegar aos participantes indicados pelas sementes (VINUTO, 2014).

A técnica Snowball, proposta por Albuquerque (2009), envolve solicitar aos participantes iniciais do estudo indicações de outros membros da população de interesse. Os recrutados também são solicitados a indicar novos participantes, formando uma cadeia de indicações. Algumas vezes, os pesquisadores podem realizar o recrutamento por meio de agentes especializados. A Figura 1 ilustra um exemplo dessa cadeia de recrutamento.

Autores como Huisman, Marijtje e Van (2004) e Rodrigues e Mustaro (2006) enfatizam que a técnica “Bola de Neve” apresenta vantagens e desvantagens. Nesse mesmo entendimento, Albuquerque (2009, p. 22) destaca, que “[...] uma limitação (da técnica) se refere ao fato de que as pessoas acessadas pelo método são aquelas mais visíveis na população”, fato este que na pesquisa aqui relatada não foi

considerado como limitação, mas como fator de relevância, já que se pretendia acessar os líderes das comunidades em estudo.

Figura1 - Representação de uma cadeia de referências (snowballsampling ou "Bola de Neve")



Fonte: Elaboração própria.

Coleta de dados

Para este estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada, que permite maior flexibilidade e aproximação entre pesquisadores e entrevistados (BIRK, 2004). Um esquema básico foi elaborado, mas com abertura para compreender a experiência vivida pelos participantes e o significado atribuído a ela. Nessa abordagem, há interações bidirecionais, permitindo que os participantes também possam fazer perguntas ao pesquisador e vice-versa, gerando descobertas inesperadas e elucidativas (LAKATOS; MARCONI, 2017). O roteiro de entrevista abordará temas relacionados à identidade profissional, trabalho, convivência social, comunitária e familiar, visando identificar e analisar os aspectos que ampliam as representações sociais da precarização do trabalho jornalístico na Região do Vale do Rio dos Sinos - RS. Além da entrevista, um questionário sociodemográfico será aplicado presencialmente em encontros individuais de aproximadamente 40 minutos, em local a ser definido.

Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, com o maior detalhamento possível. Os áudios e transcrições foram incorporados para trabalhar na sistematização, codificação e construção de categorias de análise, optando, para o presente trabalho, a utilização técnica clássicas de análise qualitativa, como a análise de conteúdo, escolhida para este caso.

Análise de Conteúdo

O presente estudo utilizou a análise de conteúdo para a discussão da coleta de dados. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo já era utilizada desde a década de 1920, quando os sujeitos tinham o intuito de entender o que estava escrito nos livros sagrados. Contudo, Bardin (2011) lembra que foi apenas entre os anos 1940 e 1950 que a teoria foi de fato difundida no mundo. Segundo Godoy (1995), a análise de conteúdo a partir de Bardin utiliza-se de uma metodologia que pode vir a ser utilizada tanto nos discursos quanto em qualquer forma de comunicação. A partir disso, entende-se que a análise de conteúdo busca compreender características e quaisquer mensagens que são fragmentos importantes cedidos pelo entrevistado e que serão necessários para a pesquisa.

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) tem caráter fundamental neste estudo, pois permitiu a organização dos dados coletados e, principalmente, o entendimento das mensagens obtidas durante as entrevistas com os participantes. Dessa forma, é possível ter um material que realmente represente todas as questões subjetivas que permeiam a precarização do trabalho dos jornalistas.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, foi aplicada uma entrevista semiestruturada e um questionário sociodemográfico com intuito de conhecer melhor o grupo de jornalistas precarizados participantes do estudo. Deste modo, foram feitas perguntas que abrangeram quesitos como estado civil, escolaridade, tipo de contrato e idade. Nesse sentido, depois de ter feito a transcrição das entrevistas e a leitura de todo o material coletado, foi feita a relação deste com a parte teórica que sustenta o trabalho. Desta forma chegou-se às categorias temáticas para a análise. A partir disso, para a análise, o trabalho foi dividido em três categorias, que foram criadas a partir dos relatos dos entrevistados. As categorias são: a) O primeiro impacto: meu mundo sem CLT; b) Será que sou jornalista? A identidade não conquistada; e c) Perspectivas futuras. Antes de prosseguirmos para as categorias, a fim de entendermos melhor a análise deste trabalho e os indivíduos entrevistados, algumas informações sociodemográficas são importantes, como idade, escolaridade, regime de trabalho, raça, sexo, estado civil e se tem dependentes. Com isso, 36,4% dos entrevistados são do sexo masculino e 63,6% feminino. Quando questionados sobre o estado civil, 81,8% declararam-se solteiros (as) e 18,2% disseram ter companheiros (as). Apenas 9,1% dos entrevistados têm filhos (as) e os outros 90,09% não possuem dependentes. Quando questionados se possuíam pós-graduação 63,6% disseram não ter e 36,4% relataram já ter esse nível de escolaridade. Já, quando questionados sobre o tipo de contratação nos

últimos dois anos, 54,5% apontaram Contrato/*Freelancer*/Mei, enquanto 18,2%, tiveram CLT. Um dado que chama bastante atenção é que, embora o jornalismo tenha um viés um social, apenas 9,1% dos entrevistados se consideram negros (as) enquanto 90,9% são brancos (as).

Categoria 1 - o primeiro impacto: meu trabalho sem garantias

Nesta categoria procuramos abordar o conjunto de conhecimentos e opiniões, o que nos permitiu a compreensão sobre o trabalho de jornalista, em especial sobre o impacto da precariedade a qual muitos estão submetidos. Assim, procuramos verificar o que era comum ao grupo entrevistado e o quanto o trabalho ainda era percebido pelos entrevistados como tendo uma dimensão central em suas vidas, evidenciando que, apesar da discussão sobre a perda da centralidade do trabalho, estes mantêm sua importância não apenas na função econômica, mas igualmente nas suas funções psicossociais. "Hoje todo mundo tem que trabalhar. Quem não trabalhar, não sobrevive, né?" (ENTREVISTADO 5).

Os entrevistados destacaram os elementos consensuais e as representações sociais do trabalho precário dos jornalistas, evidenciando a insegurança decorrente dessa condição de freelancer. Indicadores como baixos salários, acumulação de empregos e jornadas de trabalho excedentes foram apontados como sinais da crescente precarização no campo jornalístico (MICK; LIMA, 2013). No contexto brasileiro, estudiosos como Heloani (2015) e Fígaro (2013) já haviam observado essa tendência de oferecer vagas precárias aos iniciantes na profissão, naturalizando a instabilidade no início da carreira. A recente reforma trabalhista no país ampliou a flexibilização dos direitos dos trabalhadores, resultando em um aumento significativo de empregos sem carteira assinada (CLT) e contribuindo para a precarização do trabalho jornalístico. Os entrevistados compartilharam suas experiências a esse respeito.

> A gente se sente vulnerável, né?! Porque todos nós queremos os direitos, todos nós queremos segurança, todos nós queremos um emprego ou trabalho melhor dizendo que as pessoas reconheçam (ENTREVISTADO 3).

No atual cenário, destacam-se os trabalhadores contratados por tempo parcial ou prazo determinado, realizando as mesmas tarefas que os empregados estáveis, mas sem desfrutar dos mesmos direitos sociais e da mesma remuneração. A questão da precarização do trabalho não afeta apenas o indivíduo, mas também a qualidade dos produtos entregues. A Terceira Revolução Tecnológica, ocorrida a partir do final da década de 1960, trouxe transformações significativas no mundo do trabalho jornalístico, como apontado por Antunes (2005). Essas transformações exigiram uma readaptação do indivíduo para acompanhar as novas tecnologias e redefinir sua identificação profissional.

Os fragmentos discursivos destacam o impacto causado pela realidade do mundo do trabalho para os jornalistas, que enfrentam a falta de vínculo contratual e a distância entre o idealizado e o vivido. Além disso, a fragilização de postos de trabalho estáveis afeta profissionais mais experientes, que precisam complementar sua renda com serviços extras. Essas desestruturações no mundo do trabalho foram apontadas por Adghirni (2012) devido às demissões de profissionais com salários mais altos e ao enxugamento de postos de trabalho. Segundo Antunes (2005), o sentido do trabalho está relacionado ao sentido da vida, e é necessário que o indivíduo encontre realização no trabalho para ter uma vida dotada de sentido. O autor enfatiza que um trabalho autodeterminado, autônomo e livre permite o uso autônomo do tempo livre e promove a conexão entre o trabalho e a liberdade na busca pela emancipação e humanização.

> Sabe, todo mundo acha que é fácil ser jornalista e pior que não precisamos ser apenas jornalistas, temos que ser especialistas em tudo. O que mais me desanima é essa questão de falta de reconhecimento tanto salarial quanto profissional (ENTREVISTADO 4).

No relato do entrevistado, vemos como as mudanças de como exercer e atividade de jornalista e também a pandemia influenciaram diretamente nas oportunidades e na forma de trabalho. Antunes entende que o desafio maior da classe-que-vive-do-trabalho (igualmente entendida como classe trabalhadora) "é soldar os laços de pertencimento de classe existente entre os diversos segmentos que compreendem o mundo do trabalho" (ANTUNES, 2009, p. 184).

Além disso, pode-se perceber a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos participantes da pesquisa. De acordo com Antunes (2002, p. 123), "o ato de produção e reprodução da vida humana realiza-se pelo trabalho", com isso, entende-se que a questão da centralidade do trabalho é algo que está enraizado ainda no inconsciente dos sujeitos. Assim, embora ainda encontremos uma forte Representação Social indicando que o trabalho que não produz algo ou que não é remunerado não é considerado trabalho, também observamos indícios de estarmos num processo de mudança, na qual atividades intelectuais, artísticas e reflexivas começam a ser vistas com outros olhares.

Será que sou jornalista? a identidade não conquistada

Durante o processo de entrevistas, várias vezes os sujeitos participantes se questionaram acerca da sua identidade profissional. Tal questionamento, foi gerado pela falta da presença identitária profissional, que está baseada nas experiências profissionais vivenciadas pelo indivíduo até aqui. A

identidade é algo muito importante, pois é por meio dela que o sujeito se entende como pertencente à classe que representa.

> A gente dúvida do nosso potencial, né. É difícil chegar no mercado de trabalho e não ter a carteira assinada, porque tudo parece tão incerto, que a sensação de medo, ansiedade, angústia, a nossa identidade profissional fica afetada. E também é difícil de explicar para as pessoas que não temos carteira assinada, porque logo ela já acha que, por não ter benefício, o meu trabalho nem pode ser considerado trabalho (ENTREVISTADO 3).

A partir desse relato, vemos que o trabalho ocupa um espaço importante na vida dos sujeitos e, mais que ter uma atividade, os indivíduos querem ser identificados como parte da categoria. Para Cattani (1996), o trabalho também pode ser considerado uma experiência social, que contribui diretamente na construção da identidade, se relacionando também com o sentimento de satisfação.

> Acho que não estamos preparados para essa realidade de não ter carteira assinada, me sinto um pouco iludido e frustrado também, mas eu amo a profissão que eu escolhi e acredito em tempos melhores. Talvez a pandemia agravou esse cenário, mas espero que no período pós pandemia as coisas melhorem (ENTREVISTADO 4).

Nesse sentido, podemos entender que o trabalho desempenha o papel de oxigênio social, pois acaba gerando uma identidade para o indivíduo. A questão identitária não está apenas ligada à ação de trabalhar, mas também ao assalariamento como uma bonificação de reconhecimento, sendo uma espécie de passaporte para o ingresso ao mundo social e formador de identidade. A partir disso, entende-se que não é apenas um bom salário, mas todos os elementos que compõem o mundo do trabalho que fornecem as características necessárias para a formação da identidade.

> Eu fico pensando se eu sou jornalista ou não por não estar trabalhando numa redação no veículo de comunicação, sabe? Eu fico em dúvida porque eu aprendi que jornalismo é aquilo que a gente faz no rádio, TV ou jornal. Mas aí chego ao mercado de trabalho e o espaço que resta é uma agência de comunicação para cuidar das redes sociais. Mas eu nem sei fazer isso direito, será que é só postar e está tudo certo? Acho que não me enxergam como jornalista, talvez seja a falta da exigência do diploma, fico confusa (ENTREVISTADO 5).

A Federação Nacional do Jornalismo (FENAJ, 2012) aponta que um dos pontos-chave do descontentamento, da perda da identidade e da inserção do jornalista em vagas que nem contemplam as competências dos jornalistas está muito relacionado à precarização e à não obrigatoriedade do diploma. Com isso, além de prejudicar a questão identitária, afeta outros campos, como a extensão de jornada de trabalho. Bauman (2008) destaca que o processo de construção de identidade é constante, fazendo-se presente na vida do indivíduo de forma construtiva e não como algo pronto.

> Eu já não me sentia jornalista antes da pandemia, com a pandemia menos ainda. Tem dias que eu até esqueci que eu sou jornalista, por estar exercendo outras funções que não são as minhas. Essa questão de identidade profissional é muito forte porque eu já fui pra terapia por causa disso, mas acredito que essas são coisas que não dependem só de mim, quero tentar manter vivo esse espírito jornalístico e não precisar mudar de profissão (ENTREVISTADO 2).

O sujeito, quando inserido em um determinado grupo social, difere dos demais, passando a ser um naquele grupo social (MACHADO, 2003). Se ressalta aqui que as identidades sociais influenciam diretamente na identidade profissional, pois uma contempla a outra. Essa dependência refere-se ao fato de que as duas são compostas por grupos sociais e à interação entre os componentes dos grupos.

> Apesar de tudo, eu me sinto um jornalista, sinto que sou um jornalista um pouco afastado do que eu aprendi, do que eu saí sonhando da universidade, mas eu tento pensar positivo e pensar que, em algum momento, terá um espaço para esse jornalismo que eu aprendi. Apesar de gostar das redes sociais, de ser um usuário de rede sociais, eu gosto do jornalismo na sua essência do dia a dia das pessoas. Quero poder, de alguma forma, ajudar e contribuir para a transformação social dessas pessoas. Talvez eu esteja sendo um pouco sonhador, mas o jornalista tem esse poder de criar novas realidades e talvez de transformar sua própria realidade (ENTREVISTADO 7).

De acordo com Bauman (2008), a questão identitária começa a ser influenciada pelo meio em que o sujeito está inserido. Desta forma, o autor ressalta que a criação da identidade de cada sujeito é resultado da bagagem social adquirida por cada um no decorrer da vida. De acordo com Dubar (2005), a identidade profissional é de fato definitiva a partir da inserção do sujeito no mercado de trabalho. Sendo assim, as questões sociativas, conhecidas como socialização, proporcionam bases importantes para as escolhas dos aspectos profissionais

Por fim, vemos que a bagagem de valores e ideais dos entrevistados se depara hoje com um cenário muito mais poroso, em que sua autoridade e legitimidade são postas em dúvida, com isso, os indivíduos se questionam: Qual a minha identidade?

Perspectivas futuras

Nesta última categoria de análise, abordamos o futuro a partir dos relatos dos indivíduos. Apesar da precarização do trabalho e da identidade afetada, é preciso entender o que esses sujeitos esperam do mundo do trabalho e do jornalismo. Durante a coleta de dados, muitos dos jornalistas relataram que chegaram a cogitar mudar de profissão em função do cenário precário e pelo desânimo ocasionado pela Covid-19. Mas, mesmo com todos esses fatores, a maioria decidiu se manter na profissão, acreditando em dias melhores.

As Representações Sociais são vistas como uma maneira particular de compreender e comunicar o que já se sabe. A linguagem possui um papel importantíssimo nesse sentido, pois, igualmente, é carregada de representações. "A representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem" (MOSCOVICI, 2004, p. 46).

> Apesar do cenário complicado eu ainda acredito em tempos melhores para o jornalismo. Espero que no futuro o mercado valorize o profissional jornalista, que é tão importante para informar e também para construir o social (ENTREVISTADO 6).
>
> Eu acredito na melhora do jornalismo. Apesar de ter desacreditado, principalmente na pandemia. Acho que o jornalista tem esse dom de acreditar em dias melhores. E eu acho que é isso que nos faz sermos jornalistas (ENTREVISTADO 8).

Nos relatos podemos perceber que, mesmo com a descrença na profissão, cada indivíduo tem uma representação social do contexto em que está inserido. Isso ocorre devido à bagagem de cada sujeito, a partir das suas próprias experiências. No entanto, mesmo que haja um descontentamento latente em relação ao mercado de trabalho, os profissionais de jornalismo ainda seguem acreditando em dias e oportunidades melhores. Com isso, quando trabalhamos com as Representações Sociais, na verdade estamos estudando o ser humano no seu objetivo de compreensão (MOSCOVICI, 2004).

Por fim, por meio das categorias vemos que o jornalista se preocupa com o mercado de trabalho e como o trabalho informal afeta as suas relações psicossociais. Ainda, em função do cenário de precarização do trabalho, as identidades, tanto pessoal quanto profissional, do indivíduo também são descaracterizadas a partir do momento que o sujeito não está inserido no seu âmbito de formação e passa a executar tarefas que não contemplam as suas habilidades. Nesta última categoria, vemos que as representações sociais do trabalho são fundamentais para que possamos entender o contexto em que estes profissionais estão inseridos e de que forma essa precarização influencia o presente e o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como pensar neste trabalho sem falar na identidade profissional, na precarização e no sonho de cada jornalista que fez parte dessa pesquisa. Além disso, o projeto perpassa a universidade, o melhor do mundo acadêmico para ser um material da comunidade em geral, para que todos entendam os objetos que compõem o mundo e o fazer jornalismo.

A partir do estudo das representações sociais e da precarização do trabalho do jornalista, feito com oito profissionais *freelancers* do Vale do Rio do Sinos, pode-se perceber que o trabalho ocupa uma posição de centralidade na vida dos indivíduos e permanecerá tendo um espaço de destaque. Com isso,

entende-se que a mudança no mundo do trabalho, somada à pandemia da Covid-19, intensificou a precarização do trabalho, o que afeta diretamente a vida desses indivíduos. Gorz (2005) ressalta que é por meio do labor remunerado que pertencemos à esfera pública, que temos as experiências e assim adquirimos uma identidade social. Ainda, o autor destaca que o trabalho sempre será o cerne de nossas vidas, ou seja, não há como separar a vida do trabalho.

O caminho da pesquisa foi árduo, pois foi difícil ouvir cada história, de ver a forma como o trabalho impacta diretamente na vida dos sujeitos e a representação social do labor. Sendo assim, podemos lembrar do que ressalta Moscovici (2004) sobre as Representações Sociais serem formas de entender e comunicar aquilo que já é conhecido, igualando toda imagem a uma ideia e também relacionando toda ideia a uma imagem.

As muitas mudanças que chegaram galopantes com a pandemia não atingiram apenas os profissionais mais jovens e com menos tempo de formação, mas também surpreendeu profissionais que já estavam há muito tempo no mercado. A necessidade de remodelar as redações dos veículos de comunicação, advindas dos avanços tecnológicos e da crise ocasionada pela Covid-19, fez com que o jornalista precisasse se reinventar e buscar o seu espaço, desempenhando até mesmo novas funções.

O jornalista teve que se adaptar a essa nova realidade, precisando se despir do sonho de fazer o jornalismo tradicional, já que agora o cenário é outro. Agora a transformação social é feita por meio das telas, as relações sociais foram substituídas por máquinas, as redações jornalísticas agora são agências. A forma de fazer jornalismo mudou, o ser jornalista se viu numa condição totalmente adversa daquela imaginada. Agora, o jornalista formado, com diploma, precisa integrar novos postos de trabalho, que muitas vezes exigem competências às quais estes não estão aptos. Isso porque as vagas requerem um conhecimento específico, como o de gestão de redes sociais, um conhecimento complexo apesar do senso comum dizer o contrário. Esses fatores geram um sentimento de medo, frustração, angústia, entre outros citados pelos entrevistados. A sensação de não ocupar a função jornalística na sua essência, de estar exercendo outros cargos, acaba impactando diretamente na forma que esses indivíduos se veem e também na sua identidade profissional. Por isso, é cada vez mais difícil separar o indivíduo e a sua vida do seu trabalho, pois o labor também influencia diretamente na existência do sujeito e em suas relações sociais.

O jornalista passou a ocupar um lugar de dúvida e não mais aquele que trazia a informação. Com isso, o número de agressões a jornalistas foi elevado, o que deixou a classe totalmente amedrontada e ainda mais distante da função de agente de transformação social. Podemos dizer que, por mais que sejam vistos todos os dias, por mais que sejam ouvidos todos os dias, os seus sentimentos, a sua identidade e aquilo que fazem não tem o reconhecimento merecido.

Os elevados índices de demissão nos veículos de imprensa, somados à alta taxa de profissionais sem ocupação fixa, propiciam o surgimento de um plantel de *freelancers*, que nada mais são que profissionais qualificados, que se dispõem a assumir postos de trabalho flexíveis sem quaisquer garantias de estabilidade ocupacional, o que, por consequência, agrava também a situação daqueles que se encontram em empregos formais, gerando um ciclo vicioso de precarização. Essa conjuntura explica as altas taxas de mobilidade detectadas, os percentuais substanciais de comunicadores que atuam em descumprimento às normas vigentes para a categoria do ponto de vista da jornada e das remunerações, e o significativo volume de profissionais que necessitam aglutinar funções para complementar o rendimento familiar.

O estudo realizado demonstra a importância de se aprofundar e sistematizar a dimensão das representações e das expectativas nas investigações acerca dos jornalistas, sobretudo numa profissão que encontra nos seus aspectos simbólicos um modo importante de se justificar social e politicamente A análise das expectativas socioprofissionais ou da sua pulverização poderá ser, neste sentido, entendida como o confronto entre ser e dever ser, entre o compromisso a partir do qual o jornalismo funda a sua legitimidade e suas condições socioprofissionais.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

ACCARDO, A. **Journalistes Précaires, Journaliste sau Quotidien**. Marseille: Agone, 2007.

ADGHIRNI, Z. "Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência". *In*: PEREIRA, F.; MOURA, D.; ADGHIRNI, Z. (orgs.). **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012.

ALBUQUERQUE, E. M. **Avaliação da técnica de amostragem "Respondent driven Sampling" na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas** (Dissertação de Mestrado em Saúde). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Editora Cortez, 2005.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editora Boitempo, 2009.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2011

ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. "Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas". **Revista de Gestão**, vol. 14, n. 1, 2007.

ARENDT, H. **A condição humana**. São Paulo: Editora Forense-Universitária, 2007.

ARRUDA, A. "As representações sociais: desafios de pesquisa". **Revista de Ciências Humanas UFSC**, n. 6, 2002

ASHFORTH, B.; MAEL, F. "Social identity theory and the organization". **Academy of Management Review**, vol. 14, 1989.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2011.

BARSOTTI, A. "Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador da audiência". **E-Compós**, vol. 17, n. 1, 2014.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BERGER, P.; BERGER, B. "Socialização: como ser um membro da sociedade". *In*: FORACCI, M. M.; SOUZA MARTINS, J. (orgs). **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1973.

BIRK, M. "Do princípio da pesquisa qualitativa à coleta de dados: uma trajetória percorrida por todos os pesquisadores". *In*: CAUDURO, M. T. (org.). **Investigação em educação física e esportes**: um novo olhar pela pesquisa qualitativa. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

BRANDÃO, C. A. **Territórios, escalas espaciais, decisões, poderes e conflitos**. Campina Grande: Editora da UEPB, 2017.

BRASIL. **Lei no 13.467, de 13 de julho de 2017**. Brasília: Planalto, 2017. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 19/06/2023.

CASAQUI, V. "Imaginar a produção, o consumo e a nação: estratégias sensíveis da comunicação publicitária". MATRIZes, vol. 8, n. 1, 2014.

CASAQUI, V.; SINATO, A. "Empreendedorismo social em perspectiva global: bem comum, trabalho e engajamento na retórica do capitalismo contemporâneo". **Revista Eptic**, vol. 17, n. 1, 2015.

CATTANI, A. D. **Trabalho e autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

COSTA, L. A. "Gêneros jornalísticos". *In*: MELO, J. M. (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editora da UMESP, 2010.

COUTINHO, M. C. "Trabalho e construção da identidade". **Psicologia em Estudo**, vol. 1, n. 4, 1999.

DIAS, M. F. G. "Ciclos econômicos, reorganização produtiva e uberização do trabalho". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 9, 2020.

DINES, A. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Editora Summus, 1986.

DUBAR, C. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

FENAJ - Federação Nacional do Jornalismo. **Perfil do jornalista brasileiro**: Características demográficas, políticas e do trabalho (2012). Síntese dos principais resultados. Portal Eletrônico da FENAJ [2012]. Disponível em: <https://fenaj.org.br>. Acesso em: 19/06/2021.

FÍGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

GAMA, C. F. P. S. "O futuro do trabalho e o coronavírus". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo denós. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

GORZ, A. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

GROHMANN, R. N. **Os discursos dos jornalistas freelancers sobre o trabalho**: comunicação, mediações e recepção (Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: USP, 2012.

GROHMANN, R.; ROXO, M. "Os discursos sobre o jornalista-empreendedor emsites especializados na cobertura do campo profissional". **Contemporânea – Comunicação e Cultura**, vol. 13, n. 2, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2015.

HELOANI, J. R. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade vida do jornalista** (Relatório de pesquisa). São Paulo: FGV, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JACQUES, M. G. C. "Identidade e trabalho: uma articulação indispensável". *In*: BORGES-ANDRADE, A. T., J. E.; CODO, W. (orgs.). **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996.

JODELET, D. "Representações sociais: um domínio em expansão". *In*: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

KRAWULSKI, E. **Construção da identidade profissional do psicólogo**: vivendo as "metamorfoses do caminho" no exercício cotidiano do trabalho (Tese de Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2002.

KREIN, J. D.; GIMENEZ, D. M.; SANTOS, A. L. **Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2018.

KUCINSKI, B. **K**: Relato de uma busca. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2017.

MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**: a importância do brincar, atividades e materiais. São Paulo: Loyola, 2003.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. "O trabalho e seus sentidos". **Psicologia Social**, vol. 19, n. 1, 2007.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Psicologia social**. Barcelona: Paidós, 1985.

MOSCOVICI, S. "Questions de psychologie sociale". *In*: BALZAN, P. (org). **Laudationes, discorsi, saggi**. Milano: LibriScheiwiller, 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

NEW YORK TIMES. "Worldwide Confirmed Coronavirus Cases Top 2 Million". **New York Times** [15/04/2020]. Disponível em: <https://www.nytimes.com>. Acesso em: 20/04/2020.

PAICHELER, G.; MOSCOVICI, S. "Conformidad simulada y conversión". *In*: MOSCOVICI, S. (org.). **Psicologia social**, I: Influência y cambio de actitudes. Indivíduos y grupos. Barcelona: Paidós, 1985.

PRATT, M. G. "Tobeornottobe? Central questions in organizational identification". *In*: WHETTEN, D. A.; GODFREY, P. C. (eds.). **Identity inorganizations**: building theory through conversations. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

SENHORAS, E. M. "O campo de poder das vacinas na pandemia da Covid-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2021.

SILVA, B. **Dicionário de Ciências Sociais**. São Paulo: Editora FGV, 2014.

VALA, J. **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

VELASCO, H.; DÍAZ DE RADA, A. **La lógica de la investigación etnográfica**: un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela. Madrid: Trotta, 1997.

VINUTO, J. "A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto". **Temáticas**, vol. 22, n. 44, 2014.

WHO - World Health Organization. Division of Mental Health. **Qualitative Research for Health Programmes**. Geneva: WHO, 1994.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Editora Bookman, 2010.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 42| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima